

# humanitas



**Vol. XI-XII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*Vol. 1*  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIX-LX



Resultado de sólida investigação, *Latin Fathers and the Classics* é livro indispensável ao estudo do encontro do cristianismo com a cultura romana pagã.

Além da tábua das matérias que vem no princípio, valorizam a obra dois índices: o de passos de autores e escritores citados e o remissivo de nomes próprios e de assuntos.

CUSTÓDIO LOPES DOS SANTOS

ALBERT BLAISE, *Manuel du latin chrétien*. Strasbourg (Le Latin Chrétien), 1955, 221 pp.

Sobretudo a partir dos fins do séc. XIX, vem-se considerando, nos meios filológicos, a existência, dentro do latim, de uma língua peculiar aos cristãos. A sua denominação, contudo, tem estado sujeita a hesitações. Goelzer falava de «langue latine chrétienne», Mons. J. Schrijnen usou a terminologia «Kirchlatein» e «Christ-latein». Outras variantes são «latim eclesiástico» e «latim dos cristãos».

O autor do trabalho transcrito em epígrafe toma posição ao afirmar: «seria mais exacto e mais preciso chamar «latim eclesiástico» aos termos especiais da teologia, do direito canónico, da história da liturgia, ao passo que a expressão «latim cristão» designaria de maneira mais geral o latim dos autores cristãos, enquanto renovado, transformado pela mentalidade cristã» (p. 11).

Quanto a saber se este latim deve ou não considerar-se *lingua especial*, é problema controverso. Em 1884, em «Archiv für lateinische Lexicographie», Karl Sittl decidia a questão pela negativa formal: «ein eigentliches Kirchenlatein gibt es überhaupt nicht». A questão foi intensamente debatida mais tarde, entre 1932 e 1944, em publicações e revistas como «Revue des Etudes Latines» e «Les Etudes Classiques». No número dos que hoje defendem a originalidade do latim dos cristãos como *lingua especial*, ocupa lugar de preeminência Ch. Mohrmann, discípulo de Mons. J. Schrijnen.

O certo, porém, é que se trata de «realidade assaz complexa» (p. 12); mas também se não pode negar que, «ao deixar-se um autor profano para tomar a leitura de um autor cristão, nos sentimos mergulhados incontestavelmente num mundo novo. Um mundo novo de ideias e sentimentos, sem dúvida; mas temos além disso a impressão de que a própria língua está renovada, se não é nova» (p. 13). Esta inovação na língua resultou precisamente da originalidade que o cristianismo representava no quadro da vida do império romano. Os cristãos não modificaram profundamente o vocabulário nem as formas ou a sintaxe. As transformações que nestes domí-

nios podemos encontrar nos autores cristãos são no geral comuns a autores pagãos coetâneos. Há relativamente poucas excepções: sobretudo helenismos devidos às traduções bíblicas e dos Padres gregos, e hebraísmos.

«O que verdadeiramente constitui a originalidade do latim dos cristãos não é a sua gramática, mas a sua estilística» (p. 40). Assim, para A. Blaise, os elementos específicos e fundamentais deste latim são a predilecção pela linguagem figurada e o desenvolvimento que tomaram as expressões afectivas (p. 65). Estas duas características é que dão unidade à língua de autores e escritos muito diversos e cronologicamente separados, desde a *Passio Perpetuae* aos autores medievais como S. Bernardo, S. Boaventura, ou Tomás de Celano (pp. 64 e 65).

Foi dentro deste contexto que A. Blaise escreveu *Manuel du latin chrétien*. A obra estava primitivamente destinada a servir de introdução a *Dictionnaire latin-français des Auteurs chrétiens* devido igualmente a A. Blaise.

O *Manuel* está dividido em duas partes. Na primeira, que se intitula «O estilo cristão», começa por estudar o vocabulário no seu conjunto. Examina a formação das palavras, no que ela tem de peculiar aos autores cristãos, e, segundo o mesmo critério, o emprego das categorias gramaticais e diversos casos de reacção etimológica. Em seguida, aponta os processos da retórica tradicional mais frequentes naqueles autores, a tendência para o simbolismo na expressão, o predomínio da linguagem figurada, e, finalmente, a intensificação e enriquecimento do vocabulário afectivo nos seus dois aspectos mais importantes — o amor místico, e o amor dos homens ou a caridade humana.

A segunda parte é constituída por observações gramaticais que abrangem a morfologia e a sintaxe. Consagra pouco mais de 4 páginas à primeira, percorrendo os vários tipos de declinação e conjugação. À sintaxe, porém, o autor dedica cerca de 123 páginas. Explica-se, dadas as afinidades da sintaxe com a estilística e visto que A. Blaise situa a originalidade do latim cristão na estilística mais do que na gramática.

São sucessivamente analisados o emprego dos casos, das preposições, dos comparativos e superlativos e dos pronomes. Dentro da modalidade que tomou a língua dos cristãos (insistência nos valores afectivos, finalidade parenética e de comunicação com o povo), os pronomes demonstrativos adquiriram especial relevo e frequência de emprego. Daí corresponderem à sua análise maior número de páginas, quase tantas como as destinadas ao estudo de todos os outros pronomes. São a análise monográfica mais extensa desta parte relativa à sintaxe.

Seguem-se, depois, as observações sobre a concordância e os tempos e modos verbais. No capítulo da sintaxe do verbo, os autores cristãos dariam matéria para mais largas e pormenorizadas considerações. A. Blaise, contudo, preferiu, algumas vezes, remeter para o seu *Dictionnaire latin-français des Auteurs chrétiens*.

Finalmente estuda a construção da proposição subordinada, a concordância dos tempos, e as formas nominais do verbo (infinito, gerúndio, adjectivo verbal e particípio).

Estas «observações gramaticais» têm carácter um pouco fragmentário. A. Blaise, contudo, não tem a intenção, no presente trabalho, «de formular uma teoria, mas sim de apresentar factos» (p. 12), e, como diz em nota da página 67, cingiu-se às anotações mais gerais, deixando para o Dicionário os casos de pormenor. Os exemplos limitam-se à época patristica propriamente dita (p. 7), ou seja do séc. III ao séc. VIII. Quanto a mim, penso que o Autor procedeu nisto com bom critério. Na verdade, após o séc. VII-VIII, o latim passa a constituir uma «segunda língua» e já não é idioma materno, o que modifica bastante a sua situação e condições sob o ponto de vista linguístico.

Depois da leitura da segunda parte de *Manuel du latin chrétien*, não fugimos à verificação de que o latim cristão «é sempre o latim, e, — quando Meillet (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*, p. 280) declara: «Entre a língua mais clássica e a da Vulgata ou dos Padres da Igreja, há apenas diferenças de pormenor», — ele tem razão no aspecto puramente gramatical; porém, no domínio do vocabulário e da estilística, as diferenças são mais que de pormenor. Neste latim baptizado, reconhecemos a velha língua clássica, mas (e trazendo, embora, os estigmas duma certa decadência), apesar de tudo, aquecida ao calor da vida nova que adquiriu. É como que a língua dum povo novo, o *populus christianus*, que manteve, graças a ela, durante dez séculos, a consciência da sua unidade» (p. 66).

O trabalho de A. Blaise apresenta não só o índice geral como também um índice alfabético das matérias tratadas muito pormenorizado. Seria todavia útil também um índice dos autores e obras citadas com a respectiva chave de referências. O Autor, quanto a este ponto, remete para *Dictionnaire latin-français des Auteurs chrétiens*, mas nem todas as pessoas que utilizam ou adquirem o *Manuel* terão facilmente o *Dictionnaire* à disposição.

A bibliografia é bastante completa e actualizada. Ao indicar, porém, obras do tipo de dicionários e revistas, conviria mencionar os autores e artigos que interessam à especialidade do *Manuel du latin chrétien*, quando elas não versam na totalidade o mesmo assunto. É o caso, por exemplo, de *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie*, *Dictionnaire de théologie catholique*, etc..

O *Manuel du latin chrétien* é actualmente a única obra facilmente acessível que nos dá uma primeira iniciação no latim dos cristãos, encarando-o nos seus aspectos gramaticais mais salientes. É um ponto de partida seguro para ulteriores estudos mais aprofundados.